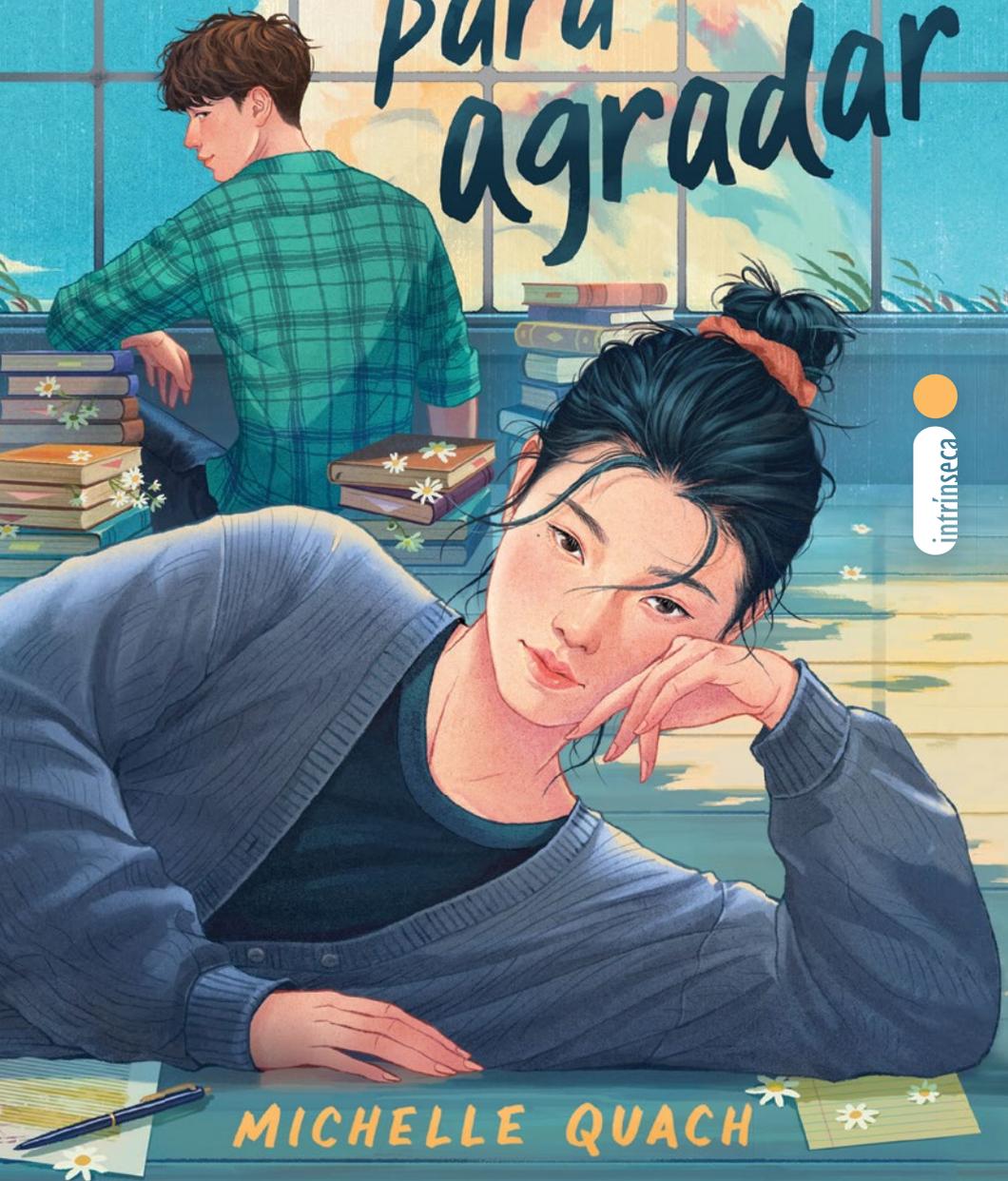


# Não nasci para agradar



intrínseca

MICHELLE QUACH

# Não nasci para agradar

Michelle Quach

Tradução de Ana Beatriz Omuro



Copyright © 2020 by Michelle Quach

Trechos das páginas 164 e 350 retirados de *Macbeth*, de William Shakespeare, traduzido por Bárbara Heliadora, Nova Fronteira, 2015.

TÍTULO ORIGINAL

Not Here to Be Liked

PREPARAÇÃO

Vic Vieira

REVISÃO

Raquel Nakasone

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

Henrique Diniz

ARTE DE CAPA

© 2021 by Fevik

DESIGN DE CAPA

Molly Fehr

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q15n

Quach, Michelle

Não nasci para agradar / Michelle Quach ; tradução Ana Beatriz Omuro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
400 p. ; 21 cm.

Tradução de: Not here to be liked

ISBN 978-65-5560-488-7

1. Ficção americana. I. Omuro, Ana Beatriz. II. Título.

22-75868

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

# 1

DIVIDO UM QUARTO COM MINHA IRMÃ MAIS velha, Kim, o que não seria um problema se ela não tivesse o hábito de fazer careta sempre que eu entro.

— Você vai vestida desse jeito? — diz ela, apontando o aplicador do rímel na minha direção. A incredulidade em sua voz é tão densa que poderia me soterrar.

— Tá bom assim. — Arregaço as mangas, e elas caem de novo. — Não esquenta.

Para ser justa, estou usando um suéter largo de poliéster com um tom de cinza exatamente igual ao do asfalto de um estacionamento, e ninguém consideraria isso um bom visual. Mas não estou nem aí. Na verdade, é basicamente assim que me visto todo dia. Li uma vez que muitas pessoas importantes têm um “uniforme” para poder dedicar sua energia a coisas que realmente façam sentido para elas, então comecei a fazer isso também. Kim acha que viver dessa forma é horrível.

— Hoje não é seu grande dia?

Afundo na cama com um livro, um romance de Eileen Chang que encontrei por acaso na biblioteca. Gosto dele porque a protagonista é uma garota chinesa esperta mas um pouco temperamental, uma combinação da qual o mundo precisa mais. É só minha opinião, óbvio.

— Não vai responder? — pergunta Kim, quando eu viro mais uma página.

Mastigo meu sachima à moda cantonesa — doce e pastoso. Sentindo a impaciência de Kim praticamente se condensando no meu silêncio, tomo um longo gole de chá e viro outra página.

— Sim — concordo —, é um dia importante.

Hoje a equipe da *Corneta de Willoughby*, o jornal da escola, vai escolher o novo editor-chefe para o próximo ano. É um ritual sagrado que ocorre mais ou menos na mesma época durante a primavera, e dessa vez, como aluna do terceiro ano, finalmente posso concorrer.

— Então você não deveria tentar vestir algo melhor? — Agora Kim está fazendo nas sobancelhas um contorno horizontal e grosso semelhante ao das heroínas de K-dramas. — Você não quer que as pessoas votem em você?

Veja bem, não acredito em autopromoção, nunca acreditei. Gosto de dizer que uma pessoa é tão boa quanto os fatos sobre ela, e isso vale para o jornalismo e para a vida. Aqui vão os meus:

Há quase três anos, sou a integrante mais produtiva, esforçada e responsável que a *Corneta* já viu. Escrevo um ótimo artigo de setecentas e cinquenta palavras em trinta minutos, proponho metade das matérias de primeira página todo mês e

já sou a atual chefe de redação — um cargo normalmente dado aos veteranos. Então não, não preciso que o pessoal da *Corneta* vote em mim só porque sei me vestir.

Eles vão me escolher porque sou a decisão mais sensata. Porque ninguém, ninguém mesmo, vai fazer um trabalho melhor.

E também, no caso, porque não há mais ninguém na disputa. Estou concorrendo sem adversários.

— Já que sou a única candidata, só preciso de votos suficientes para ser confirmada — explico, mordendo o último pedaço de sachima. — Na verdade, vai ser mais uma espécie de nomeação da Suprema Corte do que uma eleição.

Kim não está convencida.

— Você quer que eu pelo menos faça *babyliss* no seu cabelo?

Às vezes, a perseverança da minha irmã só compete com sua lerdeza, juro.

— A *Corneta* não é assim, Kim. É uma meritocracia. — Faço uma bola com a embalagem de sachima. — Se eu quisesse participar de uma farsa, concorreria ao conselho estudantil.

— Bom, você concorreu uma vez.

É uma alfinetada inesperada, afiada e inconsequente como um corte de papel.

— Isso foi há muito tempo.

Kim é apenas dois anos mais velha que eu e estudou em Willoughby também. No ano passado, pensei que minha irmã fosse se formar e eu finalmente me veria livre dela, mas obviamente ela acabou indo para a Universidade da Califórnia em Irvine. “É tão perto!”, disse papai. “Você não precisa nem ficar

no alojamento estudantil. É desperdício de dinheiro.” Então aqui estamos nós duas. Como nos velhos tempos.

— Você não vai morrer se ficar mais bonita, Eliza. Sabe, no geral.

Faço uma careta — um olho semicerrado, o nariz franzido, a língua para fora pelo canto da boca.

— Você não me acha bonita? — brinco, tentando falar e manter a expressão ao mesmo tempo.

Kim responde como se eu tivesse feito uma pergunta séria.

— Não.

Lá se vai minha diversão, escorrendo pelo meu pescoço em um fio gelado. Observo-a por um momento enquanto ela passa um *lip tint* coral, e então, meio desanimada, faço outra tentativa.

— Não se renda ao olhar masculino, Kim.

Mas ela se rendeu completamente. Sabe, Kim é uma dessas garotas que têm a infelicidade de acreditar que precisam ser bonitas. Não é realmente culpa dela: Kim é bonita. Ela tem olhos lindos e grandes como os de Fan Bingbing, com pálpebras duplas pelas quais você certamente cogitaria se não matar, ao menos se submeter a uma cirurgia para ter. Quando éramos mais novas, as pessoas exclamavam (na maioria das vezes em cantonês) como ela era linda: “*Gam leng néuih ā!* Ela poderia participar do concurso de Miss Hong Kong!”.

“Por que diabo você iria querer participar disso?”, perguntei uma vez, e mamãe me mandou ficar quieta: “Ninguém está falando para *você* participar!”.

Mamãe está na porta agora, esperando para ver se estou pronta para sair.

— *Đi được chưa?* — pergunta ela em vietnamita.

Além do cantonês, esse é o outro idioma ouvido com frequência em nossa casa. O mandarim, por outro lado, só faz aparições ocasionais, geralmente em algum sábio ditado. Minha família é o que os cantoneses geralmente chamam de *wàh kùnh*, ou “chineses do estrangeiro”, o que na verdade significa que, apesar de termos passado três gerações no Vietnã, nós nunca desistimos de ser chineses. Kim e eu entendemos tudo, mas, como as estadunidenses preguiçosas que somos, geralmente respondemos em inglês.

— Sim — digo para mamãe, me levantando da cama e começando a juntar os livros que vou levar para a escola.

Ela aproveita a oportunidade para inspecionar minhas roupas.

— Você...

— Vamos. — Dou um salto para passar por ela, com os livros apertados contra o peito e a mochila ainda meio aberta.

— Tchau, Kim!

Do lado de fora, o ar ainda está frio, como se o sol tivesse se levantado, mas ainda estivesse sonolento. Os irrigadores acabaram de ligar, deixando partes da calçada molhadas ao longo do gramado. Enquanto mamãe e eu caminhamos pelas familiares fileiras de prédios residenciais, inspiro a névoa que evapora, cheirando a concreto úmido e adubo quente — ou seja, apenas mais uma manhã em uma selva de pedra e cimento.

Seguimos pelo longo caminho até nossa vaga no estacionamento, e então meu celular vibra. Uma mensagem de James Jin, o atual editor-chefe da *Corneta*:

**Talvez você queira saber o que Len DiMartile me mandou por e-mail ontem à noite.**

Que aleatório. Len é um garoto de ascendência japonesa por parte de mãe e caucasiana por parte de pai que está na equipe da *Corneta* e ficou responsável pela seção de Notícias este mês. James e eu nunca falamos sobre ele antes.

**Eu: Por quê? Ele vai sair ou algo assim?**

**James: Na verdade, ele decidiu concorrer a editor-chefe.**

— Eliza, já disse para não franzir tanto a testa — repreende mamãe. Nosso carro está alguns metros à frente, e ela o destrava emitindo um som de reprovação. — Você quer que o seu rosto fique igual a um repolho em conserva?

Eu me detenho alguns passos para que minhas sobrancelhas possam se erguer em paz.

**Eu: Ele é egocêntrico ou masoquista?**

**James: Ah, qual é, Quan. Cadê seu espírito esportivo?**

— Você com certeza puxou isso do seu pai. — Mamãe ainda está tecendo comentários sobre minha calistenia facial. — É uma mania tão ruim.

Eu a ignoro e me sento no banco do passageiro, fechando a porta com uma das mãos para continuar digitando com a outra.

**Eu: Mas eu tenho espírito esportivo.**

**James: Ah, é? Então tudo bem por você o nosso garoto Leonard te dar trabalho?**

Agora minha testa realmente enrugou. Sério? “Nosso garoto.” Leonard acabou de entrar na *Corneta*, no ano passado. Não sei o que deu nele para ter uma ideia dessas, mas isso não muda o fato óbvio de que ele é mais verde do que casca de limão.

**Eu: Não ligo para o que ele faz. Deixa o garoto sonhar.** 

**James: Ok, ótimo. É bom ver que você não tem medo de um pouco de concorrência. 🙄**

— Eliza, você está me ouvindo? — Mamãe faz uma careta para mim enquanto liga o motor.

— Estou, sim.

Na verdade estou tensa, sentindo os ombros pesados, como sempre ficam quando estou prestes a garantir uma pontuação alta no Scrabble, e minha atenção está voltada para a resposta que estou digitando para James:

**Manda ver.**

# 2

A CORNETA FOI FUNDADA TRÊS ANOS APÓS A ESCOLA de Ensino Médio de Willoughby abrir as portas, a primeira instituição preparatória para a faculdade da cidade de Jacaranda. A equipe original era um grupo pequeno e dedicado liderado por Harold “Harry” Sloane, da turma de 1987, um jovem com uma visão incomum da posteridade. Podemos atribuir quase todas as tradições da *Corneta* à sua mente extraordinariamente fértil.

Um exemplo é o próprio nome *Corneta*. Harry o escolheu para combinar com as associações vagamente militares suscitadas das mascotes da escola, os Sentinelas. Em algum momento naquele primeiro ano, ele apareceu com uma corneta de latão de verdade, supostamente roubada da Academia St. Agatha (na época conhecida como Escola Militar St. Agatha para Garotos). Na verdade, Harry a comprou em uma loja de antiguidades em Fullerton. Sei disso porque certa vez lhe escrevi um e-mail, por curiosidade, e ele me contou. Eles gravaram nela com o lema da *Corneta*, *Veritas omnia vincit*, e

agora o instrumento fica na escrivadinha do sr. Powell, uma verdadeira relíquia histórica. A verdade vence tudo.

Outro exemplo é a já mencionada eleição da *Corneta*. O editor-chefe do jornal é sempre escolhido da forma como aconteceu com Harry naquele primeiro ano — por voto popular da equipe. Harry, diz a história, manipulou a votação para que ele, e não Lisa Van Wees, também da turma de 1987, ocupasse o cargo, porque todos sabiam que ela era a favorita do orientador. Harry negou essa versão; Lisa não foi encontrada para comentar.

Por fim, temos a Parede dos Editores, que provavelmente é a ideia mais legal de Harry. Na parede dos fundos da redação, margeada de um lado por um armário cheio de obras de Shakespeare e do outro por um pôster de Johnny Cash do sr. Powell, estão pendurados retratos de todos os editores-chefes desde Harry. Ele copiou essa tradição de um jornal estudantil que conheceu em um tour por faculdades do nordeste do país. Eton Kuo, da turma de 1988, o artista inaugural e outrora cartunista da *Corneta*, desenhou cada retrato com tinta nanquim de verdade e continua fazendo isso para cada novo editor-chefe eleito (embora ele agora seja um endodontista em Irvine).

A Parede dos Editores é a primeira coisa que vejo toda manhã quando entro na sala do sr. Powell para a aula extracurricular. E toda vez, mesmo que apenas por um segundo, paro para admirá-la e lembrar qual é o meu objetivo. Porque a verdade é esta: em Willoughby, quando você entra para aquele time, quer dizer que você fez a diferença. Assim como ser presidente do conselho estudantil, outra posição de destaque no campus, ser editor-chefe da *Corneta* significa se tornar

parte de uma instituição. Mesmo que você acabe fazendo um trabalho totalmente desprezível, seu lugar na história ficará preservado para a posteridade. Você sempre poderá dizer “Bom, pelo menos meu retrato está na parede”.

Hoje, me demoro diante da parede, me perguntando quanto tempo levaria para meu retrato começar a amarelar como os mais antigos. Então Cassie Jacinto se junta a mim, saltitando em minha direção. Fotógrafa razoavelmente competente da *Corneta*, ela é aluna do segundo ano, usa um rabo de cavalo grande e volumoso e tem um sorriso largo com aparelho.

— Ei, Eliza! — exclama ela. — Animada para hoje?

Afasto-me discretamente da Parede dos Editores e coloco a mochila na escrivaninha que costumo usar.

— Sim...

— Eu também! Quer dizer, estou superanimada por você.

— Obrigada, eu...

— Mas você ficou sabendo do Len, né? — A voz dela se transforma em um sussurro e, antes que eu possa sequer abrir a boca outra vez, ela se apressa para acrescentar: — Você não está preocupada com ele, está? Porque não deveria. Assim, você é muito mais qualificada, e você tem bem mais...

— *Cassie*. — Dessa vez, sou eu que a interrompo. — Não estou preocupada. Sério.

— Ótimo!

Cassie sorri para mim como se soubesse desde o começo que eu não a decepcionaria. Então me cumprimenta com um soquinho antes de sair aos pulos, me fazendo imaginar por que todos estão presumindo que uma candidatura quase in-

formal, de terceira categoria e feita de última hora seria algo que faria eu me sentir remotamente ameaçada.

Alguns minutos depois, estou perto dos computadores da *Corneta*, vasculhando uma gaveta em busca de uma caneta vermelha, quando uma folha de papel cai por cima do meu ombro. Assustada e completamente desajeitada, junto os braços para segurar a página antes que caia no chão. É o primeiro rascunho de um artigo sobre a srta. Velazquez, uma das funcionárias da cantina que vai se aposentar no próximo mês. Quando vejo o nome do autor, me viro, mas ele já está se afastando.

— Obrigada! — grito, e Len acena sem olhar para trás.

Olho para baixo e finjo estar interessada no rascunho, mas, em vez disso, observo-o voltar para o fundo da sala, bem ao lado de Johnny Cash. Ele passa o tempo todo naquele canto, falando tão pouco que dá até para esquecer que ele está lá. Em um movimento ágil do tipo “se piscar, você perde”, ele salta para se sentar em uma escrivaninha, com as pernas cruzadas, e se ajeita com o notebook no colo. Por alguma razão lembra um gato.

— Então...

James apareceu ao meu lado, e percebo que a gaveta que eu estava vasculhando ainda está aberta. Apresso-me para fechá-la.

— Oi! — digo bem alto, porque noto que ele me pegou espiando, e a última coisa de que preciso agora é um comentário típico de James Jin. Tento pensar em algo para distraí-lo.  
— Sabe aquela loja nova de *bubble tea*?

— O que que tem? — Ele pausa, parecendo interessado. James gosta de *bubble tea*.

— Já tem data de inauguração. Vai ser daqui a duas semanas. Alan Rodriguez me contou.

Alan, aquele cidadão sênior que corre maratonas e veste camisas polo em tons pastel com shorts cáqui, é presidente da Câmara de Comércio de Jacaranda. Tenho contato com ele desde que o *Jornal Comunitário de Jacaranda* decretou falência há dois anos.

James fica bastante entusiasmado.

— Até que enfim!

Recentemente, alguém começou a reformar o centro comercial abandonado na frente da escola, ao lado da igreja Presbiteriana que exhibe placas com dizeres engraçados, como JESUS QUER FAZER UMA TRANSFORMAÇÃO RADICAL EM VOCÊ. O local esteve vazio por alguns meses, e Boba Bros, a loja de *bubble tea*, é o primeiro empreendimento a se mudar para lá. Por anos, o único ponto de encontro perto do campus foi uma lanchonete Dairy Queen xixelenta a duas quadras, então essa é definitivamente uma boa notícia — ao menos em um mês tão devagar como este.

— Acho que a gente deveria fazer uma reportagem sobre isso — sugiro.

— Concordo. E vamos colocar na primeira página. — James me dá um toca-aqui. — Belo furo, Quan.

Motivada pelo elogio, volto deslizando para minha escrivinha, mas, assim que me sento com o artigo de Len sobre a srta. Velazquez, minha efervescência ganha uma carga nova e competitiva. Enquanto leio, sou lembrada de que, apesar da escrita dele ser bagunçada e rústica, é também... meio que boa. Sinto-me estranhamente capturada pela singela abertura:

*Quando Maria Elena Velazquez tinha doze anos, ela queria ser uma dançarina.*

Quer dizer, a mulher passou os últimos vinte e cinco anos da vida servindo almoço na escola, e é assim que ele começa a história?

— Oi, Eliza.

Aarav Patel, um aluno do segundo ano, aparece vestindo uma jaqueta de couro absurda.

— Como vai?

— Tudo bem.

Viro as páginas do meu fichário para encontrar o rascunho dele, que editei na noite passada. Ele escreveu uma matéria sobre a feira anual de confeitaria do conselho estudantil, que seria entediante mesmo em mãos mais qualificadas.

— Só “bem”? Por quê? — pergunta Aarav, como se não conseguisse entender por que acho que essa é uma resposta razoável à sua pergunta.

Respondo com um olhar impassível.

— Como vai *você*?

— Estou ótimo! — exclama ele. — Vou a um show hoje. Estou superanimado.

— Que bom. Aqui está.

Eu lhe entrego seu rascunho coberto de marcações em vermelho, como sempre.

— Ah, sério? — Aarav pega o papel fazendo um beicinho. — Não está tão ruim assim, está?

Dou de ombros. Quando o assunto é formar frases escritas, Aarav tem a proficiência de uma criança.

— Vermelho é uma cor de caneta tão agressiva, Eliza. Talvez você devesse tentar, sei lá, roxo. Sabe, para não ficar tão na cara.

Ele exhibe um sorriso arrependido, tentando amenizar as coisas daquele jeito meio irritante, meio choroso que os rapazes metidos a galã fazem. Aarav ainda não entendeu que isso não funciona em uma garota tão sem charme quanto eu.

— Talvez você só devesse escrever melhor — sugiro.

A próxima é Olivia Nguyen, do primeiro ano, que recebe sua reportagem com mãos trêmulas. Hoje suas unhas estão pintadas em tons diferentes de rosa. Ela está escrevendo o único artigo realmente grande do mês, sobre cortes recentes no orçamento de atividades dos clubes, que vão afetar pequenos grupos de modo desproporcional — como aqueles dedicados aos interesses de alunos marginalizados.

— Ok — digo, com a maior paciência possível. — Vi que você falou com mais pessoas além da sua amiga Sarah desde a última vez. E, na verdade... — Pego o rascunho de volta e passo os olhos por cima. — Nós cortamos a Sarah, certo? Lembra do que falamos sobre “conflito de interesses”?

— Lembro... — A voz de Olivia está presa na garganta.

— Então, isso já foi um grande avanço — digo, batendo na folha de papel com minha caneta. — Mas você está vendo que, a cada dois parágrafos, um é uma citação? Precisamos de um pouco mais de estrutura. Você é a autora, então precisa de fato nos contar uma história.

Olivia assente solenemente. Ela sempre parece ter muito medo de mim, mas não me preocupo com isso. James diz que ela também não consegue ficar calma perto dele.

O último rascunho em minhas mãos pertence a Natalie Weinberg, do segundo ano. Meus olhos correm pela sala para verificar se ela já chegou e a observo se aproximando do canto de Len, o que é um pouco estranho.

Ele está absorto em seu notebook e não a vê. Mas então ela diz alguma coisa que o faz erguer os olhos, e por um segundo ele até sorri, como se fosse alguém perfeitamente normal e não o integrante recluso da *Corneta*. Natalie continua falando, dizendo coisas que não consigo ouvir, e ele ri de verdade, como se a achasse muito engraçada. Desde quando ela é engraçada?

Desvio o olhar. Agora não é o momento de refletir sobre os enigmas do universo.

Enquanto isso, James subiu em uma cadeira na frente da sala e está balançando as mãos de um jeito ridículo e respeitável ao mesmo tempo, como um líder mundial saindo de um avião.

— Amigos, Corneteiros, compatriotas — diz ele em voz alta —, peço a atenção de vocês.

Todos ficam em silêncio. O sr. Powell, no fundo da sala, pigarreia e inclina a cabeça. James desce da cadeira, mas continua seu discurso, imperturbável:

— Hoje é a eleição anual da *Corneta*, na qual vocês terão a oportunidade de escolher seu próximo editor-chefe. Esta é, como vocês sabem, uma tradição única entre jornais estudantis, que nossos antepassados instituíram em respeito profundo ao poder da democracia. Valorizem o privilégio de escolher seu líder e votem com sabedoria. Como seu atual e destemido líder, sei que deixo um legado colossal...

Tim O'Callahan, editor da seção de Esportes, assobia de sua escrivaninha, dando início a uma onda de risadinhas, e depois, a pedidos de silêncio. James gesticula para que a sala se acalme.

— Mas também sei que, seja quem for, o escolhido certamente aceitará o desafio com coragem, convicção e carisma. — James começa a andar de um lado para o outro. — Essa pessoa trabalhará duro para ser merecedora de um lugar na Parede dos Editores. Ela passará noites incansáveis para estar à altura da honra que lhe foi concedida por este emblema inviolável, este símbolo de transparência e responsabilidade. — Ele pega a corneta da escrivaninha do sr. Powell como se quisesse tocar uma nota para dar ênfase, mas então decide que é melhor não. — Lembrem-se: as deliberações vão acontecer no almoço, ao fim do qual vamos votar, então venham preparados para um vibrante debate. E não se atrasem! — Ele aponta o instrumento para mim, depois para Len. — Vocês dois, é óbvio, estão obrigatoriamente isentos. — Agora ele une as mãos. — Com isso, que comecem os discursos!

Len e eu precisamos jogar pedra, papel e tesoura para determinar quem vai primeiro. Empatamos nas primeiras três rodadas: pedra primeiro, depois tesoura, depois pedra outra vez.

— Vamos lá, gente — diz James, parado entre nós como um árbitro. — Não temos o dia todo.

Olho para Len e percebo pela primeira vez que ele é muito alto. Eu chego apenas até o colarinho de sua camisa, que está meio amassada sob seu moletom. Ok, Len, penso, vamos acabar logo com isso. O que quer que você decida, *só não faça a*

*mesma escolha que eu.* Nervosa, fecho a mão, e começamos outra vez. Pedra, papel...

Na terceira tentativa, como se tivesse ouvido minha súplica silenciosa, ele mostra dois dedos abertos. Um sinal de paz virado para o lado: tesoura. Minha mão está fechada, imóvel. Vou falar primeiro.

Len e James se afastam, e, de repente, todos estão me olhando. Aliso a frente do suéter e tento não pensar demais no que estou fazendo.

— Então — digo, pigarreando. É sempre muito esquisito começar um discurso assim, quando você de certa forma já conhece todo mundo. Devo dizer “oi”, como se fosse apenas uma conversa? Ou devo começar como se fosse um TED Talk? Qual das opções me faz soar menos forçada? Afasto meu nervosismo e conjuro as palavras que ensaiei. — Estou aqui porque gostaria de ser a editora-chefe da *Corneta*. — Olho ao redor da sala e vejo James se recostar na parede dos fundos. Seus braços permanecem cruzados, mas ele me dá um “joinha”. — E, citando uma das frases favoritas do James, acho que eu seria uma editora boa pra caramba.

Isso arranca alguns risos. Todos sabem que, se James escrever *BOM PRA CARAMBA* no seu rascunho em vez de marcá-lo com observações, você finalmente escreveu algo extraordinário.

Encorajada, prossigo.

— Sou uma Corneteira desde o primeiro ano. Já escrevi mais de trinta artigos, incluindo dezesseis reportagens de primeira página. Já participei quatro vezes da Conferência de Jornalismo Estudantil do Sul da Califórnia e, em duas dessas vezes, fiquei em primeiro lugar. Agora, vocês sabem, sou

a chefe de redação, encarregada de comandar nossa maior equipe, a de Notícias, e supervisionar o conteúdo de todas as seções. Considerando tudo isso, provavelmente já passei mais de trezentas e cinquenta horas da minha vida trabalhando na *Corneta*, então, quando se trata de experiência, eu definitivamente tenho.

Continuo o discurso descrevendo minhas ideias para o ano seguinte — firmar parceria com os alunos de ciências da computação avançada para elaborar infográficos interativos como aqueles do *New York Times*. Produzir vídeos com os jornalistas para serem incorporados às páginas dos artigos como os da *Vice*. Investigar as informações do distrito disponíveis ao público para fazer reportagens. Desafiar os limites em artigos sobre diversidade e violência armada.

— Estou animada para trabalharmos em todos esses projetos juntos — concluo. — Espero que vocês concordem que sou a melhor candidata para liderar a *Corneta* no ano que vem.

Todos aplaudem educadamente enquanto me sento.

— Len? — James chama em seguida, apontando para ele.

Relaxado, ele balança os braços ao caminhar até a frente da sala, tocando os punhos quando eles se encontram. Len então rotaciona os ombros para trás algumas vezes antes de sacudi-los. Tenho a impressão de que estou assistindo a um atleta em aquecimento, preparando-se para uma competição. O que, de certo modo, é o caso.

— É difícil se apresentar depois da Eliza — diz ele, sorrindo. Len tem um sorriso largo, do tipo que enrugando tanto os olhos que não há dúvidas de que ele está sorrindo para você —, mas acho que vou tentar.

Ele enfia as mãos dentro do moletom.

— A verdade é que eu de fato só entrei na *Corneta* há cerca de um ano. Talvez um pouco mais. Alguns de vocês sabem que eu jogava beisebol. Todo mundo tem um lance, certo? Esse era o meu. Eu era o arremessador, e era muito bom. Pode-se dizer que eu era a Eliza Quan do time de beisebol de Willoughby.

Todos parecem achar graça da piada, menos eu.

— Mas eu precisei parar — continua ele — porque rompi um ligamento no cotovelo. E, não vou mentir, foi bem difícil.

Penso no meu segundo ano, me lembrando vagamente de vê-lo usando uma tipoia certa época.

— Eu não podia mais arremessar, não como antes. Não podia mais jogar beisebol. Depois da cirurgia, o médico disse que eu deveria ficar fora de campo por um tempo. Pareceu uma eternidade. — Ele faz uma pausa. — Eu me senti completamente perdido.

De alguma forma, a sala toda está atenta a cada uma de suas palavras. Eu me pergunto se é porque todos também perceberam que, durante todo o tempo que ele esteve na equipe, essa é a maior sequência de frases que Len já proferiu.

— Mas eu sabia que era hora de tentar outra coisa. Pensei: se não posso mais jogar beisebol, o que eu quero fazer? — Ele dá de ombros. — Lá estava eu, vagando pela feira de atividades da primavera, e foi quando vi a mesa da *Corneta*. Acho que alguns de vocês provavelmente estavam lá.

*Eu* estava lá. Eu havia me voluntariado para ficar na mesa da *Corneta* durante toda a semana porque, bem, achava que era a coisa certa a fazer se quisesse ser editora-chefe algum dia. Eu me lembro melhor de Len agora. Ele se parecia

ainda mais com um atleta naquela época: estava menos pálido, mais esguio, o corpo magro ainda com alguns músculos. Seu cabelo ondulado, escondido sob um boné de beisebol de Willoughby, estava mais longo, despontando atrás das orelhas, e também mais claro, no tom castanho dourado que o cabelo escuro adquire depois de passar bastante tempo no sol.

— Entrei para a *Corneta* porque precisava de algo para fazer. Mas descobri que aqui é um lugar de pertencimento.

Reviro os olhos exageradamente para James, mas ele parece intrigado.

— Descobri que gosto de escrever — continua Len — e que não sou tão ruim nisso. Não ganhei tantos prêmios quanto Eliza, mas fui indicado na conferência do ano passado. Fiquei em primeiro lugar, na verdade. Pelo melhor artigo em destaque. — Ele me olha por um segundo, frio e desafiador, disparando uma onda de eletricidade por meu corpo. — Foi minha primeira competição.

Disfarço meu coração agora acelerado com um riso debochado de quem não está impressionada.

— O que quero dizer com isso tudo é que não sou totalmente incapaz. Mas, para mim, é mais que isso. Essa eleição é sinônimo de retribuição. De dar a vocês a escolha de quem vai ser seu líder no ano que vem. De democracia, e de fazer da *Corneta* o melhor que ela pode ser.

Ele passa alguns dedos de leve pelo lado direito do cabelo, movimento que eu reconheço de imediato como um sinal sutil de ansiedade, mas todos os outros aparentemente o interpretam como um gesto do sr. Descolado.

— Confio em vocês para fazer a escolha certa — diz ele, inclinando a cabeça, como se estivesse fazendo uma leve reverência.

A sala é tomada por aplausos enquanto ele volta para seu lugar, e sou inteligente o bastante para saber que estou em apuros.



Eliza Quan não precisa que você goste dela. Ela se dedica mais que qualquer pessoa e não tem medo de expressar suas opiniões, e por isso é a candidata perfeita à editora-chefe do jornal da escola. Pelo menos até o ex-atleta Len DiMartile decidir, por um capricho, disputar o cargo. De repente, as vastas qualificações de Eliza são deixadas de lado, porque todos acreditam que Len — alto, lindo e um garoto — se parece mais com um líder, mesmo sem qualquer experiência.

Quando Eliza extravasa suas frustrações em um manifesto publicado sem seu aval, ela se torna um símbolo feminista, dividindo a escola em alunos que acreditam que ela é a porta-voz da luta pela igualdade de gênero e outros que a veem apenas como uma militante dramática.

Em meio a essa tensão, o diretor pede a Eliza e Len para trabalharem juntos no jornal, mas, conforme a dupla se conhece melhor, a jovem é confrontada por um terrível sentimento: será que ela está se apaixonando por seu rival, ou pior, pelo garoto que é a própria personificação do patriarcado? E como Eliza vai conciliar o que sente com a pressão de ser o ícone de um movimento, quando tudo que queria era uma eleição justa?

Nesta comédia romântica leve e apaixonante, Michelle Quach levanta discussões essenciais e narra com um humor afiado a trajetória de uma jovem ambiciosa que prova que não é preciso agradar as pessoas para ser amada.



**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1151/>

